

Globethics Repository



Propomos um governo de trabalhadores [We propose a workers' government]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Vittone, Miguel
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-16 22:30:39
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163397

Propomos um governo de trabalhadores

Entrevista com Miguel Vittone

Os piqueteiros argentinos constituem um novo tipo de movimento político, que conseguiu colocar na agenda não somente ações inovadoras de desobediência e de resistência, mas também de práticas políticas baseadas na democracia direta, na autogestão e na autonomia. Trata-se de um sujeito político que, longe de ser unitário, faz da luta contra a atomização e a exclusão social um instrumento para o reconhecimento de uma identidade múltipla, plural e híbrida. Eles são formados por redes que, em face do vazio do poder do Estado e contrariando as previsões apocalípticas, têm definido espaços plenos de poder, onde “o novo” tem a capacidade de criar as dinâmicas políticas e sociais efetivamente constituintes.

IHU On-Line já entrevistou Jorge Ceballos, membro do grupo piqueteiro Bairros em pé, na edição nº 57, de 28 de abril de 2003. Para a presente edição, conversamos por telefone com Miguel Vittone, membro da direção Nacional do Movimento dos Piqueteiros e do Pólo Operário (que integra o Movimento Piqueteiro). Miguel, que é oficial torneiro metalúrgico e uns dos dirigentes do Partido Operário, representa uma das posições políticas que integram os piqueteiros. Ele considera o FSM reformista e reivindica a construção de um programa político genuinamente operário.

IHU On-Line - Como o movimento ao que o senhor pertence e os piqueteiros no geral acompanharam as edições do Fórum Social Mundial acontecidas até o momento?

Miguel Vittone - Embora o Fórum seja apresentado como de "esquerda", e a própria esquerda mundial o apresente como uma alternativa internacional ao "neoliberalismo", não é possível considerar o FSM como um evento de esquerda em nenhum sentido. Participaram dele muitos representantes de governos de direita. Nós, portanto, não temos vinculação com o FSM.

IHU On-Line - O movimento, no geral, tem diversas posições em relação ao FSM?

Miguel Vittone - Sim, os piqueteiros não só têm diferentes posições em relação ao Fórum Social Mundial, mas também frente ao Governo Kirchner, aqui na Argentina, ou frente ao Governo Lula, no Brasil ou frente ao Governo de Chávez, na Venezuela. Nós somos muito críticos dos governos de Lula e Kirchner. Pensamos que são governos capitalistas continuistas, que ambos estão pagando religiosamente a dívida externa e são, portanto, governos antioperários.

IHU On-Line - Fora desse afastamento do Pólo Operário, os piqueteiros no geral constatarem alguma influência do FSM nas esquerdas tradicionais?

Miguel Vittone - As mobilizações antiglobalizadoras tendem a diluir-se diante da falta de um programa realmente independente da classe explorada. O FSM propõe a redistribuição da riqueza e desse ponto de vista acabam propondo reformas ao regime capitalista que está numa crise mundial tremenda, como demonstra a recente quebra da Parmalat, ou o fato de que a classe operária francesa está a caminho de ser piqueteira. O FSM não tem um programa de independência política de acordo com as necessidades da massa.

IHU On-Line - Qual é sua visão da esquerda atualmente? Podemos ainda falar de diferenças nítidas entre esquerda e direita?

Miguel Vittone - Se não há uma diferença tão nítida entre a esquerda e a direita, não é por responsabilidade das massas, e sim pela responsabilidade dos partidos, e da miopia da maioria dos partidos políticos de América Latina frente a governos como o de Lula ou de Kirchner. Há muitos partidos de esquerda que, em lugar de caracterizar rapidamente esses governos como capitalistas, têm silenciado ou se incorporado a ele.

IHU On-Line - Os movimentos de massa seriam a nova esquerda?

Miguel Vittone - Não. É uma nova representação política da classe operária que terá que redundar na construção de um partido da classe operária. A experiência tem demonstrado que é um partido quem deve acaudilhar as massas à conquista do poder político. Essa é a nossa posição, do Pólo Operário. Há diferenças entre os piqueteiros.

IHU On-Line - Não estariam sendo reproduzidas as fracassadas formas tradicionais de mudar a sociedade?

Miguel Vittone – Não, se for um partido diferente, realmente revolucionário, da classe operária, com um programa de reivindicações que estendam uma ponte entre a consciência dos trabalhadores e a construção de uma sociedade socialista. Por exemplo, a nacionalização dos bancos e o controle operário da produção não é uma reivindicação que esteja atualmente no programa de qualquer partido de esquerda ou de qualquer movimento sindical.

IHU On-Line - Que há em comum entre os piqueteiros?

Miguel Vittone - O movimento piqueteiro é uma força revolucionária. Não tentamos nos apresentar nos meios de comunicação, diante da sociedade, do governo, da burguesia, como representantes dos desocupados. Nada mais distante que isso. O movimento piqueteiro é filho legítimo da classe operária e, portanto, é a consciência que tem os trabalhadores do povo argentino da situação que estamos vivendo e de qual é a saída que devemos buscar. Para nós a saída leva a um governo de trabalhadores, aponta para a nacionalização dos bancos e para o comércio sob o controle dos operários, aponta para o estabelecimento de um salário igual ao da cesta básica, à redução da jornada de trabalho, para a expropriação e privatização das grandes empresas e para a colocação da produção sob o controle operário. Propomos um governo de trabalhadores.

IHU On-Line- No Brasil, temos um trabalhador no poder...

Miguel Vittone - Não, não! O nosso é um programa da classe operária acima das pessoas. No Brasil, governa um operário com um programa capitalista. É um governo dos banqueiros e da bolsa, não é da classe operária, por mais que vista um macacão.

IHU On-Line - Autores como Hardt, Negri e Holloway citam, em seus livros, o Movimento dos Piqueteiros como exemplos de mudança social. Como vocês se vêem?

Miguel Vittone - Neste momento, na Argentina, somos a oposição política do governo. Isso não implica que nos transformemos automaticamente em partido. As massas vão ter que viver sua própria experiência na criação de partidos operários.

IHU On-Line - No ano passado, em entrevista a IHU On-Line, um piqueteiro do agrupamento Bairros em Pé explicava o lema “que se vayan todos”, dizendo que era importante que saíssem todos os que estão no poder para dar lugar a outros. Como você vê isso, sendo que essa entrevista foi realizada antes das últimas eleições argentinas?

Miguel Vittone - A idéia era a de que se vá o regime capitalista em seu conjunto. A corte suprema, o exército, a polícia, os partidos, o Congresso. Apontava o conjunto das instituições de um regime capitalista que não resolve o problema dos explorados e, portanto, é um regime condenado à morte. Essa frase revelava a consciência da massa Argentina de que tinha caducado um regime, não um governo. Nós denunciávamos que o regime não foi alterado pelo Governo Kirchner. Toda a autoridade política do Estado segue questionada permanentemente em mobilizações de massas que questionam os partidos patronais, a

corrente, a Justiça no geral, a polícia, o Congresso. Há panelaços, há piquetes, há greves, ou seja, não mudou absolutamente nada.

O FSM inspira as políticas públicas de esquerda

Entrevista com Miguel Rossetto

Para o ministro Miguel Rossetto, do Desenvolvimento e Reforma Agrária, são meritórias, plurais e produtivas as contradições que envolvem os integrantes do Fórum Social Mundial. Elas transformam o FSM em um pólo formulador de teorias e estratégias, orientam e balizam as políticas públicas de esquerda e fortalecem o país nos embates internacionais. Ele vê muita semelhança entre as agendas do FSM e as metas do governo brasileiro.

IHU On-Line - O senhor. acompanhou as três edições do FSM, em Porto Alegre. Qual é a sua impressão geral a respeito desse evento?

Miguel Rossetto - É a expressão de uma grande vitória de todos os setores militantes, de lutadores que resistiram muito especialmente durante toda a década de 1990 ao neoliberalismo, preservando uma visão generosa do mundo. O Fórum mostrou uma enorme capacidade de reunião, de organização, de tolerância, de convivência em um ambiente plural. pela sua dimensão, pela sua expressão social, sua legitimidade moral, política, se constitui num grande fato político do século XXI.

IHU On-Line - De que maneira o senhor acha que esses fóruns têm influenciado a esquerda tradicional?

Miguel Rossetto - O Fórum traz uma força da sociedade civil. Ele cria um pólo de formulação política, teórica, estratégica. Reúne todos os grandes temas, hoje, que devem articular uma estratégia de mudança. As questões sociais, econômicas, ambientais. Assume o campo dos direitos humanos com muita responsabilidade e coragem. São temas que envolvem um novo padrão de relações entre os povos. Tem coragem de enfrentar e de denunciar o tema da guerra. Portanto, o Fórum cria a base para a formação do conjunto de políticas públicas defendidas pelos partidos de esquerda, pelos movimentos sociais.

IHU On-Line - Há quem afirme que se torna cada vez mais difícil diferenciar a direita e a esquerda. Como o senhor vê a esquerda, de maneira geral?

Miguel Rossetto - Não é possível dizer que cada vez a esquerda e a direita estejam mais próximas. Continuam existindo os valores históricos de uma esquerda mundial, propulsora de um projeto definido. Ao contrário, hoje, em escala mundial há espaços para um programa de esquerda que incorpore e atualize as visões generosas do humanismo, da solidariedade, das questões ambientais. Quem é capaz de anunciar um futuro sustentável se não for num projeto de esquerda? Especialmente num período de guerra, de morte, de destruição, de ampliação da pobreza da miséria. No período como este que nós estamos vivendo, se cobrará cada vez mais nitidez um projeto alternativo.

IHU On-Line - O senhor. pode identificar marcas claras das idéias do FSM na política do governo Lula, especialmente na sua política econômica?

Miguel Rossetto - As grandes marcas do Fórum como expressão da sociedade civil, com a sua pluralidade, tem uma agenda, uma dinâmica que lhe são próprias. Suas agendas não são as mesmas agendas de um governo. Mas o Fórum, os debates na sociedade, animam as políticas que estamos construindo, como as políticas que buscam novas regras para o comércio internacional. Penso que o revide a essas iniciativas é um revide ao pensamento emanado pelo FSM. Além disso as questões ambientais, de gênero, de raça, são incorporadas com força na agenda de governo. Também as questões envolvendo segurança e soberania alimentar são fortes. O projeto de biosegurança que estamos discutindo, por exemplo, é um projeto que trata